

A FÉ NÃO COSTUMA FALHAR: sobre crenças e outras ajudas ¹

FAITH IS NOT BOUND TO FAIL: on beliefs and other sources of help

Ieda Tucherman ²

Leandro de Paula Santos ³

Resumo: baseado na análise de recentes reportagens de revistas brasileiras de popularização da ciência, o texto pretende mapear a relação entre discursos que positivam a experiência da fé e o sucesso comercial das narrativas de autoajuda. Buscamos debater como se disseminam no mercado editorial novas imagens a respeito da relação entre espiritualidade e saúde, tematizando essa última como um valor normativo no modelo do capital contemporâneo. Nosso objetivo é, assim, esboçar linhas de contágio entre dimensões da vida humana que passam a concorrer, no interior dos discursos analisados, para a produção de um novo tipo de sujeito.

Palavras-Chave: Divulgação Científica. Fé. Espiritualidade. Autoajuda.

Abstract: based on the analysis of recent popular science magazine articles, this paper intends to recognize the link between the discourses that give the experience of faith a positive meaning and the commercial success of the self-help narratives. We aim to debate how the publishing industry has been disseminating new representations of spirituality and health, by thematizing this last topic as a normative value inside the contemporary capitalist framework. Thus, our purpose is to outline, in the analyzed discourses, the way different dimensions of the human life begin to play a key role for the upcoming of a new kind of subject.

Keywords: Scientific Disclosure. Faith. Spirituality. Self-Help.

1. Introdução

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

² Professora do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Comunicação e Cultura (ECO), UFRJ. E-mail: iedatucherman@gmail.com.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Comunicação e Cultura (ECO), UFRJ. E-mail: psleandro@gmail.com.

Entre os anos 70 e 80, um romance americano, *Zen e a arte de manutenção das motocicletas: uma investigação sobre valores*, escrito em 1974 por Robert Pirsig, se transformou num *best-seller*. Depois de ter sido recusado por alguns editores, acabou vendendo mais de 5 milhões de exemplares em várias edições de línguas diferentes⁴ e sendo considerado um dos 10 livros mais importantes da década pela *Time Magazine*.

O livro relata os 17 dias de uma viagem de motocicleta de pai e filho, que são acompanhados no primeiro trecho por um casal de amigos, John e Sylvia, e seguem depois sozinhos, o garoto, Cris, na garupa do pai. Como indica o subtítulo, “uma investigação sobre os valores”, a viagem é pontuada por numerosas reflexões que reconhecemos pertencer ao campo da filosofia. O interesse que apresentam para nosso artigo fica evidenciado por dois pequenos trechos; o primeiro é uma das epígrafes do livro:

O estudo da arte da manutenção das motocicletas é realmente um estudo em miniatura da arte da auto-racionalização. Reparando uma motocicleta trabalhando bem, com cuidado, tornamo-nos parte de um processo cujo fim é alcançar uma íntima paz de espírito. A motocicleta é principalmente um fenômeno mental. (PIRSIG, 1986, p. 4)

O segundo trecho é um diálogo entre pai e filho:

- “Você acredita em fantasmas?”
- “Não”, respondo.
- “Por que não?”
- “Porque eles são anti-ci-en-tí-fi-cos.”
(...)
- “Eles não contêm matéria” – continuo – “e nem energia; portanto, de acordo com as leis da ciência, só existem na cabeça da gente.”
(...)
- “Naturalmente, as leis da ciência também não contêm matéria nem energia, e, portanto, também só existem na cabeça da gente. É melhor assumir uma atitude inteiramente científica e recusar-se a acreditar tanto nos fantasmas quanto nas leis da ciência. Assim, a gente não corre o perigo de errar. O único problema é que a gente fica sem ter muito em que acreditar, mas isto também é científico.” (*Ibid.*, p. 38)

Como se trata de um romance *on the road*, tão ao gosto da cultura americana da época e de um autor filósofo, podemos deduzir que um dos valores que ele está questionando é o do crer, acreditar ou, como dizem em alguns rincões brasileiros, “botar fé”. Vale ressaltar que a questão da fé é levantada como uma indagação; Pirsig não responde o que aconteceria se realmente tivémos convicção de que há poucas coisas em que podemos acreditar.

Crer, seja em fantasmas ou mesmo nas ciências, aparece assim como uma natural exigência da condição humana. Ou melhor, se *conhecer* é o inelutável destino de nossa

⁴ No Brasil, foi publicado pela Companhia das Letras e, em 1986, já estava na sua sexta edição.

experiência de sujeitos, *acreditar naquilo que se conhece* estaria na base de toda a nossa possibilidade de ação. Já em seus *Sermões*, Agostinho definia o vínculo entre essas duas operações mentais, afirmando ser preciso compreender para crer (*intellige ut credas*), mas igualmente necessário crer para compreender (*crede ut intelligas*). Dois termos de uma equação que, como sabemos, acabaria se tornando embaraçosa para o Ocidente pós-cartesiano.

É sobre o rearranjo das fronteiras entre saber e crer, ou entre ciência e fé, que nosso texto objetiva refletir, sobretudo a partir de sua imbricação com os temas da saúde e do bem-estar, visibilizada no mercado editorial brasileiro. No romance de Pirsig, a “íntima paz de espírito” poderia indicar o resultado mais ou menos lógico da simples contemplação de uma motocicleta em funcionamento. Quatro décadas depois, sondamos onde e como estariam aparecendo novas representações da tão almejada “arte da auto-racionalização”.

Nos meses de novembro e dezembro de 2013, duas revistas brasileiras dedicadas à popularização da ciência ocuparam-se da relação entre saúde e espiritualidade em suas matérias de capa. A entrada do tema em cena por dois meses seguidos poderia não passar de coincidência; contudo, essa pauta vem assumindo notável regularidade em nosso mercado de publicações⁵, dando a ver a positivação da experiência da fé como ingrediente da boa administração do “fenômeno mental” contemporâneo.



FIGURA 1: Revista *Super Interessante*. Ed. Abril, no. 325. Novembro de 2013.



FIGURA 2: Revista *Saúde é Vital*. Ed. Abril, no. 371. Dezembro de 2013.

⁵ Cf., por exemplo, as matérias “Divino cérebro” e “Milagres contemporâneos”, de 25 de junho de 2010, da revista *IstoÉ*; “Não importa qual a religião, o importante é praticá-la”, publicada em 23 de março de 2009; e “Como a fé me ajudou a superar a depressão”, de 08 de junho de 2013, ambas da revista *Época*.

O interesse pela fé que comparece nessa tendência editorial não esconde seu caráter pragmático, vinculado a efeitos mensuráveis e imagetivamente demonstráveis, como ilustram as figuras acima. A revista *Superinteressante* afirma que “fé faz bem” e que “é a ciência que está dizendo: quem crê em algo acima de si vive mais, ganha melhor e é mais feliz”. Ainda em sua capa, oferece ao leitor uma síntese da nova roupagem da fé: “Saiba como se beneficiar disso, com religião ou sem”.

A matéria aponta que, impulsionadas por estudos recentes, as principais faculdades de medicina norte-americanas vêm incluindo em seus currículos oficiais ao menos uma disciplina exclusivamente dedicada às relações entre espiritualidade e saúde. Já a reportagem “O remédio está na fé”, da revista *Saúde é Vital*, comenta que a *anamnese espiritual* é uma prática clínica que ganha cada vez mais espaço também em prontos-socorros, UTIs e salas de cirurgia no Brasil. A reconstituição da trajetória religiosa do paciente e a investigação do papel da fé em sua vida têm se tornado elementos fundamentais para a compreensão de seu quadro e a determinação de sua maneira de lidar com a doença.

Essa é a tônica do *coping espiritual*, uma forma de enfrentar adversidades a partir de esforços cognitivos nos quais a fé tem participação especial. O *coping* vem se transformando numa ferramenta bem cotada por médicos e terapeutas para reabilitar o paciente ou mesmo evitar patologias, que se estendem dos riscos cardíacos à insuficiência renal.

A criação do *Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade* no Instituto de Psiquiatria da USP e do *Grupo de Estudos em Espiritualidade e Medicina Cardiovascular* pela Sociedade Brasileira de Cardiologia dá indícios da importância que o tema alcança na realidade das ciências médicas no país. “Já não faltam estudos demonstrando que a crença em algo transcendente – Deus ou um poder superior – interfere de forma positiva na capacidade de o corpo humano enfrentar doenças e até escapar delas”, diz a matéria da revista *Saúde é Vital*.

Ao menos desde Hipócrates e os gregos, sabemos existir uma relação entre estados de humor e doenças: a bílis negra, tristeza, se acompanhava de um enfraquecimento, e por isso era preciso evitá-la e combatê-la. Já segundo a milenar medicina oriental, o corpo é dotado da habilidade de detectar os desequilíbrios que lhe acometem e redirecionar as energias do indivíduo para promover um processo de cura de si mesmo. Para ambas as tradições culturais, portanto, morrer por falta de vontade de viver parece ser um fato conhecido há muito.

No entanto, vemos surgir nas matérias em análise um outro tipo de olhar sobre a relação entre corpo e espírito. Essas reportagens e os estudos em que se baseiam encontram seu argumento de autoridade no que chamamos de *biologização do social* ou *fisicalização das emoções*, reconhecendo no corpo não só o meio, mas o mobilizador das mais distintas expressões da experiência humana.

Nesse sentido, a fé, como abstratamente descrita pelos dois artigos, funcionaria como uma *pedagogia dos afetos*, uma linha mestra de disciplinamento da conduta individual. Essa premissa acaba por apresentar, de partida, uma armadilha para o pensamento crítico: a ideia de *universal*. Parece evidente que, se há religiões com doutrinas e credos diferentes, a chamada espiritualidade seria potencialmente universal e estrategicamente benéfica para todo e qualquer um, tanto no controle das doenças como na sua prevenção. Essa noção é evidenciada pela revista *Saúde é Vital* quando ensina a seu leitor que

ser espiritualizado não significa necessariamente seguir uma religião. É, antes de mais nada, acreditar em alguma coisa intangível e que pode estar dentro de você – como a esperança de que, fazendo o bem, a gente é naturalmente recompensado.

O jeito próprio como cada um pode constituir sua experiência espiritual, em detrimento da adesão a uma prática religiosa institucionalizada, aparece como um dos fatores mais festejados em revistas de variedades e de popularização da ciência que se dedicam a positivar a fé no atual cenário brasileiro⁶. O psicólogo Kenneth Pargament, referência na prática do *coping espiritual*, defende a ideia de uma *santificação ateísta*, ou seja, a sacralização de um aspecto da vida como uma forma de se atingir artificialmente as benesses da fé. O que é preciso, afirma a *Superinteressante*, é simplesmente ter uma forte crença em algo.

Podemos assim propor uma inversão: a ciência tem fé na fé. Do ponto de vista ontológico, o universal – que comparece, por exemplo, nesta concepção de uma espiritualidade disponível a todos e qualquer um – é definitivamente um paradoxo: pretende-se universal e, no entanto, nasce numa cultura específica. Podemos então falar na arrogância da premissa do universal, reconhecendo em seguida que sua própria condição de possibilidade se baseia em um tipo de crença: naquilo que nos asseguram as pesquisas mais recentes.

⁶ Cf. por exemplo, revista *Galileu*: “O monge cientista”, publicada em fevereiro de 2007; “Como a fé influencia sua vida”, de abril de 2009; revista *Ciência Hoje*: “Química e religião”, publicada em junho de 2011; “Crer, o que significa?”, de maio de 2011.

É desta fé da ciência, que a aproxima das narrativas mitológicas, que procuraremos, muito panoramicamente, tratar. Nosso companheiro nesta função é François Jacob, agraciado com o prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina em 1965. Ele (1991) propõe uma comparação entre a função e o modo de operação dos mitos e das ciências, escolhendo não o caminho do senso comum que opõe tais modelos mentais, mas, ao contrário, buscando os tangenciamentos e o que têm de comum.

Começando pelo objetivo, que seria o de encontrar uma ordem inabalável no caos do mundo, o mesmo princípio inicial guiaria os mitos e teorias científicas. Ele consiste em explicar o mundo visível por forças invisíveis, articular o que se observa com o que se imagina. Explicar um fenômeno é, no limite, encontrar para um efeito visível uma causa escondida ligada às forças invisíveis que regem o mundo. Assim, a investigação científica tem como ponto de partida uma imaginação que inventa um mundo possível ou uma parte deste.

Ninguém pesquisa no ramo das ciências da vida para si mesmo, assim como ninguém pesquisa – especialmente hoje, quando a tecnologia refinou-se tanto e aumentou exponencialmente as demandas de capital investido – fora de um projeto político, de um jogo de saber-poder tão bem desenvolvido nos textos de Foucault. Ao eleger a fé como sua aliada, a ciência mais moderna dá provas de sua circunscrição em um projeto que lhe extrapola, e anda a par e passo com os textos de autoajuda, copiando inclusive seu estilo, tal como podemos conferir em um livro citado na matéria da *Superinteressante* e indicado como leitura complementar: *12 passos para uma vida de compaixão*, de Karen Amstrong. A abertura do livro diz o seguinte:

Todos os doze passos serão educativos no sentido mais profundo da palavra; o latim *educere* significa “fazer sair” e este programa foi concebido para fazer aflorar a compaixão que, como vimos, existe em todo ser humano e pode tornar-se uma força benéfica em nossa vida e em nosso mundo (AMSTRONG, 2012, p. 25)

Ao assumirem a função de aconselhamento sobre os bons hábitos a se adotar no cotidiano, livros como o de Amstrong⁷ e as matérias em análise encontram seu ponto comum e atendem a uma vocação contemporânea. A reportagem da *Saúde é Vital* pontua que “mesmo se o indivíduo não estiver enfermo, seria bem-vindo exercer a caridade e o altruísmo”. Esse curioso reaparecimento do elogio a virtudes como a compaixão – legado

⁷ Na matéria da revista *Superinteressante*, o livro aparece classificado como de divulgação científica. Para nós, é um claro exemplo de texto de autoajuda.

tipicamente religioso – sinaliza que os discursos com potencial normativo hoje operam sob um novo código de moralidade: a saúde.

Tal valor máximo, capaz de prescrever ou desautorizar os comportamentos possíveis, pode ser entendido em sua relação com o ideal de autonomia que fundamenta o modelo do capital e enseja a contínua especulação sobre as formas de vida que lhe seriam correspondentes. É nessa aproximação com a lógica do bem-estar autoproporcionado que reconhecemos a articulação das novas abordagens da fé com o estilo discursivo da autoajuda.

2. Pensando a autoajuda na sua relação com os discursos da fé

A visibilidade mais imediata do fenômeno da autoajuda é a quantidade de publicações que vem produzindo no mundo e também no Brasil, com tiragens surpreendentes. Além disso, essa tendência atinge outros gêneros literários, conquista parte da área do audiovisual⁸ e gera comportamentos sociais como a moda da Cabala e a aproximação das religiões orientais, ambas ligadas a essa “demanda de espiritualidade”.

Nossa premissa é de que esse sucesso se vincula à atualidade do capitalismo, na qual a tarefa do homem é ser um empreendedor de si mesmo, necessitando desenvolver competências que valorizem o seu biocapital e abandonar hábitos que o depreciem. A autoajuda apresenta-se em torno de dois nichos de objetivos: o primeiro, ligado ao “alimento para a alma”, em que a fé auxilia a encontrar equilíbrio, autoestima, autoconhecimento, bem-estar e felicidade; o segundo, de natureza totalmente pragmática, identificado por sucesso, dinheiro, prestígio, beleza e saúde, essa última também associada à fé. A autoajuda realiza assim uma insidiosa operação de marketing, uma narrativa motivacional para o indivíduo compatível com o biopoder.

Dois exemplos de êxitos comerciais deixam as aproximações que vemos entre o fenômeno da autoajuda e os discursos de divulgação científica sobre a fé mais claras, se nos permitirmos nomeá-los assim:

a) *Você pode curar sua vida*, publicado em 1984 por Louise Hay. Sua história é mais triste do que os mais tristes personagens da literatura, sejam os miseráveis de Victor Hugo ou as crianças injustiçadas de Dickens. Ela foi estuprada por um vizinho quando tinha 5 anos de

⁸ Como indicam, por exemplo, os longa-metragens “Em busca da felicidade” (2006), dirigido por Gabriele Muccino; “Um sonho possível” (2009), de John Lee Hancock; ou “Comer, rezar, amar” (2011), de Ryan Murphy.

idade. Sua mãe tentou levá-la à doação, no entanto não conseguiu. Até os 15 anos, sofreu abusos sexuais, quando então saiu de casa para ser garçoneiro. Depois, sua vida melhora, ela se casa duas vezes e se torna guia de meditação transcendental. Neste momento, escreve um livro, *Cure seu corpo*, sobre um câncer do qual afirma que se curou com uma combinação de alimentação especial e técnicas mentais. Neste segundo livro, *Você pode curar sua vida*, a afirmação mais forte é de que as doenças são produtos do nosso estado de espírito e que, por isso, devemos romper com os pensamentos limitantes e trocar o medo pela fé.

b) A narrativa *O Segredo*, de 2007, vendeu em um ano 2 milhões de DVDs e 6 milhões de livros impressos. Incluindo cientistas e intelectuais nas suas entrevistas, Rhonda Byrne, a autora, reconheceu o lugar da ciência como o depósito imaginário de conteúdos verdadeiros em nossa atualidade e, associando-se a este ambiente, deu a seu “segredo” valor de verdade. O documentário pode ser resumido em uma palavra: Atração. A lei da atração é capaz de fazer qualquer coisa, bastando aplicá-la de modo incondicional para direcionar os pensamentos positivos e nunca desistir, ou seja, o segredo é uma “Fé Inabalável”. Os três passos do comportamento seriam pedir, crer e receber. No limite, é o que o senso comum chama de manter um pensamento positivo, uma maneira como outra de falar de ter fé.

Esse receituário de autoajuda, verificado tanto em *O Segredo* como em *Você pode curar sua vida*, pode ser encontrado em ambas as matérias em análise, mas em sintonias sutilmente diferentes. As nuances se colocam pelas linhas editoriais adotadas: enquanto a revista *Saúde é Vital* tem no próprio nome um indicativo de sua pauta primordial – a promoção de descobertas e hábitos indispensáveis para a otimização da saúde do leitor –, a *Superinteressante* caracteriza-se como um canal de divulgação de curiosidades culturais e científicas.

A partir dessas predisposições, a *Saúde é Vital* (fig. 3) autentica a fé como prática essencialmente benéfica para o sistema nervoso, a imunidade e os processos de reabilitação do organismo, enfocando a existência de especialistas, universidades e centros de tratamento dedicados ao estudo da relação entre espiritualidade e saúde. Sua abordagem do tema pode ser resumida pela sentença que encerra a reportagem: “A fé não move montanhas, mas pode, sim, tirar doenças do nosso caminho.”

Já a *Superinteressante* (fig. 4) abraça o estilo da autoajuda em uma visada mais pretensiosa, não restringindo os benefícios da fé à melhoria da saúde e à evitação de males,

mas relacionando o cultivo da espiritualidade às exigências de uma vida de sucesso. Para ilustrar essa ideia, a reportagem menciona os descaminhos de um ícone da cultura *pop*: Homer Simpson, que faz pouco caso de qualquer fé, é obeso e alcóolatra. Seu antagonista é Ned Flanders, o vizinho carola, mas com saúde perfeita e corpo sarado.

A fé pelo seu corpo

A ciência já decifrou certos efeitos fisiológicos da espiritualidade



SISTEMA NERVOSO

Pessoas que creem em algo maior e são altruístas tendem a apresentar cargas extras de neurotransmissores que respondem pelo bem-estar.



IMUNIDADE

A espiritualidade potencializa a ação das células de defesa, reduzindo o risco de infecções virais e bacterianas, além de ajudar a enfrentar o câncer.



INFLAMAÇÃO

Estudos mostram que pessoas religiosas possuem menos moléculas inflamatórias trafegando nos vasos, o que afasta infartos, tumores...

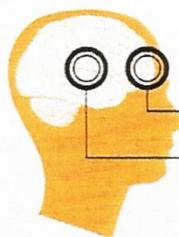


CÓDIGO GENÉTICO

Ter e exercer a fé tornaria mais vagaroso o processo de encurtamento dos telômeros (as extremidades dos cromossomos), que leva ao envelhecimento.

FÉ DO LABORATÓRIO

Imagens cerebrais de freiras e monges budistas durante oração e meditação.



Duas áreas do cérebro ativadas: os **lobos frontais** (parte responsável pela concentração) e o **sistema límbico** (relacionado às emoções).



O **lobo parietal**, responsável pelo senso que temos de nós mesmos e do mundo, tem redução de atividade. Isso ajuda a explicar a sensação de perda de noção do tempo e do espaço ao meditar.

FIGURA 3: Infográfico da matéria “O remédio está na fé”. FONTE: Revista *Saúde é Vital*, dezembro de 2013.

FIGURA 4: Infográfico da matéria “A ciência da fé”. FONTE: Revista *Super Interessante*, novembro de 2013.

A estereotipia faz parte do argumento da reportagem, que enumera as múltiplas vantagens de ser alguém espiritualizado. Em nota de rodapé, a revista informa basear-se em pesquisas da Associação Americana de Psiquiatria, do Instituto Gallup e do Centro Nacional de Adição e Abuso de Drogas (EUA) que apontariam que: quem frequenta cultos toda semana tem 7 anos a mais de expectativa de vida; indivíduos com fé têm uma tendência 3 vezes maior a ver o lado bom das coisas e 85% menos chances de se tornarem fumantes do que os ateus, que consomem até 50% a mais de álcool e têm probabilidade 47% maior ao suicídio.

Nessa linha, a matéria apresenta uma lista de índices sobre as propensões e os efeitos das escolhas espirituais de cada indivíduo. Mas, seguindo a cartilha da “fé não religiosa”, a *Superinteressante* assegura ser possível desfrutar de todos os benefícios que os crentes usufruem mesmo sem se recorrer a qualquer transcendência. “Há ONGs”, afirma, “que têm

regras de conduta e convivência, reproduzindo os mesmos mecanismos das religiões que incentivam compaixão, autocontrole, senso de comunidade e comportamento ético.”

Assim, favorecendo o exercício da espiritualidade, a opção por uma fé sem religião parece ter como compromisso dogmático o bem-estar individual. E, a se medir pelas informações da *Superinteressante*, os resultados dessa escolha se estendem do aumento da renda média mensal à felicidade no casamento, passando pelas chances de se sobreviver a um transplante de fígado.

3. Fé no espaço público

Confrontados com tais benesses da fé, somos tentados a enxergar os novos sentidos propostos no processo de publicização da ciência e reconhecer, no utilitarismo dessa espiritualidade promovida, um desdobramento do projeto neoliberal de governamentalidade. Essa literatura parece manifestar as vontades políticas que conduzem a pesquisa científica hoje, revelando, na própria vulgaridade de seus enunciados, os anseios que ordenam o mundo do capital.

Embora procedente, essa tematização não esgota a problemática do nivelamento dos estatutos da fé e da autoajuda, que contamina o espaço público contemporâneo e dá popularidade a ideias como a já citada *santificação ateuista*. Para diagnosticar essa tendência em nosso campo de análise, precisamos entender as publicações comentadas aqui como amostragens de um *mercado discursivo*, espécie de bolsa de apostas editoriais orientada pela aceitação dos temas e abordagens oferecidos.

À luz de Tarde (2005), entendemos que ambas as revistas publicadas pela editora Abril são produtos destinados a uma clientela sabidamente heterogênea, cuja comunhão como “público leitor” é viabilizada pela sugestão editorial de cada veículo. As tiragens das revistas dão conta desse universo em termos numéricos: *Saúde é Vital* imprime 210 mil exemplares ao mês; *Superinteressante*, 400 mil. Sendo assim, pensamos que matérias como “A ciência da fé” ou “O remédio está na fé” podem ser vistas não só como peças publicitárias sobre os comportamentos desejáveis em nosso tempo, mas quiçá também como possíveis respostas a expectativas de discussão latentes no cotidiano de seus leitores.

Noutras palavras, se é certo que essas reportagens procuram enquadrar a fé como um programa de benefícios, elas também alcançam o público médio por embalarem o tema da

espiritualidade, em suas polivalentes acepções, como dimensão legítima de sua experiência subjetiva. A revista *Saúde é Vital*, por exemplo, chega a admitir que existe limite para o que a ciência pode explicar. Um dos fenômenos espirituais que não se pode *ainda* descrever é o efeito causado pelas orações a distância, como aquelas realizadas por parentes, e não por quem convalesce. Por enquanto, diz a publicação, apenas a física quântica é capaz de especular sobre esse auxílio que vem de fora e não é produzido pela bioquímica do próprio paciente.

Tal requalificação do tema da espiritualidade nos *media* brasileiros não comparece apenas nas revistas de divulgação científica. Uma das principais produções do canal Discovery Brasil no ano de 2013, o seriado “Na Fé” apresentou o jornalista Arthur Veríssimo participando de rituais místicos pela América Latina, do vodu do Haiti ao Círio de Nazaré em Belém, em busca de experiências que “despertam emoção e mexem com as crenças mais profundas de cada um”⁹. Adepto tanto do hinduísmo como do budismo tibetano, o apresentador confessou¹⁰ ter se sentido, em meio a transe como o banho de descarrego na festa de Iemanjá em Salvador, o próprio “James Bond da espiritualidade, o cara que realiza a missão impossível”.

Já no GNT, o programa de entrevistas “Viver com Fé” busca apresentar, “mais do que a religião, a religiosidade que cada um carrega em si”¹¹. A atração é comandada pela atriz Cissa Guimarães, “ecumênica, espiritualizada e sem preconceitos, uma pessoa de fé na vida”, segundo suas próprias palavras¹². O sucesso do programa rendeu a publicação de um livro com o mesmo nome, dedicado a divulgar “histórias de quem acredita” e sintomaticamente classificado como um título de autoajuda.

Dessa forma, atendendo àquela demanda de debate e/ou submetendo a espiritualidade a novos nexos, essa tendência apresenta nova roupagem para um antigo tema, em sintonia com o pendor tanto pragmático quanto cientificista de nossa experiência contemporânea. Em alianças assim, entendemos se engendrar, novamente inspirados por Foucault, uma forma de

⁹ Website do seriado “Na fé”. Disponível em: <http://discoverybrasil.uol.com.br/web/na-fe/>. Acesso em 6 de fevereiro de 2014.

¹⁰ “Série ‘Na Fé’ mergulha em transe místicos coletivos”, matéria de Silvana Arantes na Folha de São Paulo, publicada em 17 de julho de 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/07/1311857-serie-na-fe-mergulha-em-transe-misticos-coletivos.shtml>. Acesso em 6 de fevereiro de 2014.

¹¹ Website do programa “Viver com fé”. Disponível em: <http://gnt.globo.com/viver-com-fe/sobre/>?. Acesso em 6 de fevereiro de 2014.

¹² Disponível em: <http://gnt.globo.com/viver-com-fe/sobre/Cissa-Guimaraes.shtml>. Acesso em 6 de fevereiro de 2014.

poder não invasivo, que se exerce como uma influência sobre o campo das ações possíveis, tendo no discurso sua prática estratégica.

Parece-nos, então, que os discursos produzidos sobre fé e espiritualidade, temas de delicado debate em um quadro histórico norteado pelas exigências do multiculturalismo e do materialismo tecnocientífico, podem revelar algo das lógicas conflitantes de nosso tempo. Nessas pautas que configuram certo painel da atualidade, as experiências de fé têm sido visibilizadas segundo novos princípios de enunciação, que se estendem da *religiosidade sem religião* ao *coping espiritual*, dando a ver os vocabulários autorizados de uma época.

4. Considerações Finais

O que as leituras da fé perfiladas em nosso texto teriam, afinal, a indicar? Em primeiro lugar, o que já sabemos: que nosso espaço público é atravessado por disputas de sentido, por constantes promoções e desqualificações dos mundos possíveis, pela existência de saberes e formas de veridicção em contínuo enfrentamento.

Também: que a prática discursiva sempre faz algo além de utilizar os signos disponíveis para representar uma realidade dada. Que o discurso é o que viabiliza o aparecimento de uma experiência histórica específica, o que organiza o caos dos enunciados sob a forma dos objetos reconhecidos e estipula as regras próprias de seu acontecimento.

Ainda: que o assíduo encontro entre ciência e fé como tópico de interesse talvez revele um inusitado reposicionamento de olhares sobre o tema da *transcendência*, essa questão que, tendo sido eclipsada no horizonte de pensamento que herdamos do período moderno, continua a mover os indivíduos na direção do que lhes excede.

Ao destacarmos a repaginação da ideia de espiritualidade a partir de novos léxicos, buscamos apontar um paradoxo: se assistimos, nessa tendência editorial, à contaminação das abordagens da fé pelas terminologias da ciência e pela lógica do empreendimento de si, notamos também a reincidência do foco lançado àquele tipo de experiência que escapa a um modelo de explicação totalizante, e cuja produção de sentido é inalienável ao sujeito.

Certo dualismo entre as ciências da natureza e as ciências humanas marcou o imaginário teórico dos últimos dois séculos, dando forma a um projeto de compreensão total do homem que integrou a fantasia da modernidade e que, certamente, continua a direcionar a pesquisa científica hoje, inclusive na atenção que devota à fé. Todavia, a recolocação da

espiritualidade como tema pode indicar a obsolescência do diagrama descritivo da experiência subjetiva que, resultando desse dualismo, resiste a toda aspiração metafísica.

É como se a presença pública dessa pauta, tal como se manifesta, revelasse suas abordagens possíveis hoje, requerendo a participação do glossário científico e, ao mesmo tempo, apontando seus limites frente ao que desafia a linguagem. Ou ainda como se a crescente cientificização da experiência espiritual insinuasse, em um olhar mais cuidadoso, o contrário de sua aparência imediata: que “a crença cientificista em uma ciência que possa um dia não apenas complementar, mas *substituir* a autocompreensão pessoal por uma autodescrição objetivante não é ciência, é má filosofia.” (HABERMAS, 2013, p. 13) (grifo do autor)

Pressupomos assim que a questão da transcendência – que jamais deixou de integrar o cenário da experiência humana, mas foi silenciada como tema filosófico no panorama intelectual do último século – possa estar sendo retomada em meio a práticas discursivas nas quais a espiritualidade comparece como expediente primordial para a construção de quem se é. Tal acontecimento parece não derivar apenas dos discursos produzidos sobre a fé em nossos dias, mas também se apresenta em novas tematizações sobre a natureza dos vínculos afetivos, tendo no amor seu objeto privilegiado de enfoque.

Alguns autores complexificam essa perspectiva ao demonstrarem que o amor teria ocupado o lugar de uma religião laica para um Ocidente de crescente ateísmo. Nesse sentido, as semelhanças entre a experiência religiosa e o enamoramento foram constantemente comentadas. O amor apareceria como uma das fontes de transcendência para o mundo contemporâneo ao possibilitar a constituição de novas unidades subjetivas. Simon May (2011, p. 19) afirma que

o amor é o enlevo que sentimos por pessoas e coisas que inspiram em nós uma fundação indestrutível para nossa vida. (...) Se todos nós sentimos necessidade de amor é porque todos precisamos nos sentir em casa no mundo; enraizar a vida no aqui e no agora; dar à nossa existência solidez e validade; aprofundar a sensação de ser. (...) A este sentimento chamo de enraizamento ontológico.

Ao falar em ontologia, o autor se refere ao ramo da filosofia que lida com a existência, sua natureza e as experiências que a povoam. Esse traço é o que justificaria a qualificação do amor, assim como da fé, como objetos de interesse em nosso tempo, mas não do mesmo interesse que pauta a filosofia mais radical. Assim, se reconhecemos o caráter

ontológico na experiência do amor, chegamos às portas de um oximoro: os ateus buscariam a transcendência na imanência de suas próprias vidas e afetos.

Foi, aliás, um filósofo perseguido por acreditar que Deus e a natureza eram sinônimos quem nos legou uma instigante visão sobre o amor: segundo Spinoza, ele seria o tipo de encontro capaz de aumentar nossa potência. O atributo disruptivo desses encontros, acreditamos, é o que os torna irredutíveis àquelas descrições objetivantes ou ao cálculo do risco.

A fundação de um novo mundo a partir da experiência de outrem confere à aventura humana grande parte de seu apelo. O alcance dessa experiência e os sentidos produzidos a partir dela se tornam inacessíveis de seu exterior. Constituir potência a partir de encontros – com pares, com ideias, com deuses –, sem submeter a transcendência ao utilitarismo de uma era: um gesto íntimo que pode corresponder a uma vigorosa ação política hoje.

Referências Bibliográficas

- AMSTRONG, Karen. **12 passos para uma vida de compaixão**. São Paulo: Paralela, 2012.
- BADIOU, Alain. **Éloge de l'amour**. Paris: Flammarion, 2009.
- BOWDON, Butler. **50 Clássicos de autoajuda: 50 livros inspiradores para mudar sua vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.
- JACOB, François. **O jogo dos possíveis: ensaio sobre a diversidade do mundo vivo**. Lisboa: Gradiva, 1991.
- MAY, Simon. **Amor, uma história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.
- PIRSIG, Robert. **Zen e a arte de manutenção das motocicletas: uma investigação sobre valores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.